



Tendências da Contabilidade Contemporânea 2

 **Editora**
Atena

Ano 2018

Atena Editora

Tendências da Contabilidade Contemporânea 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T291	Tendências da contabilidade contemporânea 2 [recurso eletrônico] / Organização Atena Editora. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. 2.622 kbytes Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-09-3 DOI 10.22533/at.ed.093183108 1. Empresas. 2. Contabilidade. I. Atena Editora. CDD 657
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONTROLADORIA NA GESTÃO HOSPITALAR: UM ESTUDO EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PÚBLICO NO PARANÁ	
<i>Maico Schnell</i> <i>Roberto Francisco de Souza</i> <i>Delci Grapegia Dal Vesco</i>	
CAPÍTULO 2	20
A PERÍCIA ATUARIAL E O REAJUSTE POR FAIXA ETÁRIA EM PLANOS DE SAÚDE ANTERIOR AO ESTATUTO DO IDOSO	
<i>Idalberto José das Neves Júnior</i> <i>Ana Luiza Sallai</i> <i>Kátia Aparecida Alves Pacheco</i> <i>Marcelo Daia Barreto</i>	
CAPÍTULO 3	37
AS FUNÇÕES DE CONTROLADORIA EM ESTRUTURAS ORGANIZACIONAIS DIFERENCIADAS	
<i>Vanessa Fernanda Rios de Almeida</i> <i>Ederlei da Silva Miranda</i> <i>Juocerlee Tavares Guadalupe Pereira de Lima</i> <i>Ernani Marques de Almeida</i>	
CAPÍTULO 4	52
ANÁLISE DA EFETIVIDADE DAS TOMADAS DE CONTAS ESPECIAIS NO ÂMBITO DO TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DE RONDÔNIA	
<i>Rodrigo Oliveira Miranda</i> <i>Lucas Gurgel Mota Saraiva</i>	
CAPÍTULO 5	69
CONTRIBUIÇÕES DO MÉTODO AHP PARA A GESTÃO DE RISCOS NO PLANEJAMENTO DA AUDITORIA	
<i>Sandro Augusto Martins Bittencourt</i> <i>Adriana Gabbi</i> <i>Renata Lúcia Basso</i>	
CAPÍTULO 6	87
CONVERGÊNCIA DAS NORMAS CONTÁBEIS: A DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO ABRANGENTE	
<i>Israel Dal Ri</i> <i>Maria Ivanice Vendruscolo</i> <i>Ismael Paulo Heissler</i>	
CAPÍTULO 7	108
DETERMINANTES DE REAL EARNINGS MANAGEMENT: O CASO DAS EMPRESAS NÃO COTADAS EUROPEIAS	
<i>Cristina Gaió</i> <i>Tiago Gonçalves</i> <i>Ana Castelhana</i> <i>ISEG, Universidade de Lisboa</i>	
CAPÍTULO 8	129
FATORES DISCRIMINANTES ENTRE O ÍNDICE DE SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL E OS INDICADORES ECONÔMICO-FINANCEIROS DAS EMPRESAS BRASILEIRAS DE ENERGIA E PAPEL E CELULOSE	
<i>Cleston Alexandre dos Santos</i> <i>Inês Francisca Neves Silva</i> <i>Marialva Tomio (In Memoriam)</i>	
CAPÍTULO 9	147
FATORES EXPLICATIVOS DA REDUÇÃO DE CUSTOS PÚBLICOS DOS PRODUTOS CONTRATADOS POR PREGÃO ELETRÔNICO NO MERCADO BRASILEIRO	
<i>Silvio Paula Ribeiro</i> <i>Clari Schuh</i>	

	<i>Clóvis Antônio Kronbauer</i>	
	<i>Viviane da Costa Freitag</i>	
CAPÍTULO 10		163
INFLUÊNCIA DA CRISE FINANCEIRA DE 2008 NO CONSERVADORISMO CONTÁBIL DAS EMPRESAS BRASILEIRAS		
	<i>Bradlei Ricardo Moretti</i>	
	<i>Bianca Cecon</i>	
	<i>Roberto Carlos Klann</i>	
CAPÍTULO 11		183
MODELO DECISÓRIO NO MERCADO FINANCEIRO:		
UM ESTUDO À LUZ DA TEORIA DOS PROSPECTOS E DA RACIONALIDADE LIMITADA		
	<i>Alex Diego Souza Queiroz</i>	
	<i>Joseílton Silveira da Rocha</i>	
	<i>Marília Oliveira dos Reis</i>	
CAPÍTULO 12		203
MOTIVOS DA NÃO SOLICITAÇÃO DE RESSARCIMENTO DO ICMS PELAS EMPRESAS		
	<i>Oderlene Vieira de Oliveira</i>	
	<i>Marcella Gonçalves Furtado</i>	
CAPÍTULO 13		216
PROPOSTA DE USO DE FILMES SOBRE RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL NO CONTEXTO DO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS		
	<i>Wellington Silva Porto</i>	
	<i>Fernanda de Assis Dutra</i>	
	<i>Marco Túlio José de Barros Ribeiro</i>	
	<i>Umbelina Cravo Teixeira Lagioia</i>	
	<i>José Arilson de Souza</i>	
CAPÍTULO 14		242
SUSTENTABILIDADE CORPORATIVA E ESTRATÉGIA:		
UMA ANÁLISE QUALITATIVA DE MODELOS DE MENSURAÇÃO DE DESEMPENHO		
	<i>Solange Garcia</i>	
	<i>Fernanda Dandaro</i>	
CAPÍTULO 15		263
TARGET COSTING: ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DE ARTIGOS PUBLICADOS ENTRE OS ANOS 2006 E 2015		
	<i>Laiane Silva Santos</i>	
	<i>Kleber da Silva Cajaíba</i>	
CAPÍTULO 16		279
TRANSPARÊNCIA GOVERNAMENTAL:		
UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA E SOCIOMÉTRICA DE PERIÓDICOS INTERNACIONAIS		
	<i>Juliano Francisco Baldissera</i>	
	<i>Clóvis Fiirst</i>	
	<i>Denis Dall Asta</i>	
	<i>Udo Strassburg</i>	
CAPÍTULO 17		300
TRANSPARÊNCIA NA GESTÃO PÚBLICA: APLICAÇÃO DA LAI NO MUNICÍPIO DE CASCAVEL SOB A ABORDAGEM DA TEORIA CONTINGENCIAL		
	<i>Juliano Francisco Baldissera</i>	
	<i>Clóvis Fiirst</i>	
	<i>Ivan Rafael Defaveri</i>	
	<i>Everton Luiz Folador</i>	
SOBRE OS AUTORES		320

INFLUÊNCIA DA CRISE FINANCEIRA DE 2008 NO CONSERVADORISMO CONTÁBIL DAS EMPRESAS BRASILEIRAS

Bradley Ricardo Moretti

Universidade Regional de Blumenau – FURB
Blumenau – SC

Bianca Cecon

Universidade Regional de Blumenau – FURB
Blumenau – SC

Roberto Carlos Klann

Universidade Regional de Blumenau – FURB
Blumenau – SC

RESUMO: Este artigo tem por objetivo verificar a influência da crise financeira de 2008 no conservadorismo contábil das empresas brasileiras, conforme o arranjo dos setores da economia e os níveis de governança corporativa. Para tal, desenvolveu-se uma pesquisa descritiva, documental e quantitativa. A população do estudo compreendeu todas as empresas listadas na Bolsa de Valores de São Paulo (BM&FBovespa), sendo a amostra composta por 245 organizações. Para fins de análise foram realizadas regressões lineares múltiplas por meio do software SPSS. Por meio dos resultados encontrados não foi possível concluir se a crise financeira de 2008 impactou de modo diferente o conservadorismo contábil conforme o nível de governança das empresas. Porém, os resultados sugeriram que a crise financeira de 2008 impactou de maneira diferente o conservadorismo contábil

conforme os setores da economia. Cabe destacar ainda os resultados encontrados no setor de Construção, uma vez que mesmo antes do período de crise foi considerado o setor mais conservador e após a mesma ter ocorrido, as empresas pertencentes ao mesmo, apresentaram uma redução considerável no nível de conservadorismo. Por fim, os resultados permitiram sugerir que a crise financeira de 2008 influenciou no conservadorismo contábil na maioria das empresas brasileiras analisadas.

PALAVRAS-CHAVE: Crise Financeira; Conservadorismo Contábil; Setores de Atuação; Níveis de Governança Corporativa.

1 | INTRODUÇÃO

As crises econômicas surgiram há muitos anos e já sinalizavam perdas econômicas futuras às empresas. Diante disso, gestores precisavam tomar decisões sobre como reconhecer antecipadamente estas desagradáveis notícias na contabilidade, como forma de proteção aos acionistas. Para tanto, independente da ocorrência de tais fatos econômicos, que implicariam na realização das perdas previstas, era preciso que os gestores contábeis apresentassem uma postura de reconhecimento tempestivo das perdas econômicas, tendo em vista a prudência

contábil. Nesse sentido, o conservadorismo é exposto pela inclusão das medidas de precaução na realização de julgamentos (SAMPAIO; COELHO; HOLANDA, 2015).

Para Gul, Srinidhi e Shieh (2002), uma série de fatores, incluindo as crises financeiras, influenciam o grau de conservadorismo praticado pelos gestores. Durante a crise prevalece o pessimismo dos investidores e as notícias ruins sempre são mais impactantes em relação às notícias boas. Dessa forma, investidores pessimistas já reagem às notícias ruins, reduzindo o acesso da empresa ao capital. Para tanto, os gestores, para tentar evitar este fato, recebem um incentivo para reconhecer a notícia mais positiva do que normalmente fariam.

No período de crise financeira, tanto captar empréstimos e financiamentos, como realizar investimentos, torna-se uma tarefa árdua às empresas. O papel do conservadorismo contábil, reforçando a capacidade de endividamento e restringindo o oportunismo gerencial, leva a esperar que as empresas com experiência mais conservadora apresentem retornos de ações menos negativos durante a crise. Watts e Zuo (2011) destacam que o conservadorismo contábil desempenhou um papel essencial na crise financeira global de 2008, sendo que a característica saliente da crise foi a perda de liquidez no sistema bancário.

Apesar de no Brasil, o conservadorismo contábil estar presente há muitos anos no conjunto de práticas e procedimentos contábeis, poucas são as pesquisas que foram desenvolvidas com o objetivo de investigar o efeito da regulamentação da contabilidade e outras causas sobre o conservadorismo contábil, como a estrutura acionária, a política econômica, a força da profissão contábil, entre outros fatores internos (SAMPAIO; COELHO; HOLANDA, 2015).

Localizaram-se estudos nacionais e internacionais que buscaram evidenciar a relação entre as crises financeiras e o conservadorismo das empresas. Em âmbito nacional, evidenciou-se apenas a pesquisa de Sampaio, Coelho e Holanda (2015), tiveram por objetivo analisar se os gestores das empresas brasileiras adotaram medidas prudenciais no reconhecimento contábil devido à crise financeira mundial, obtendo como resultado que as decisões dos gestores não se condicionam a más notícias específicas, ou a um momento que caracterize crise.

Já no contexto internacional, Gul, Srinidhi e Shieh (2002), analisaram os impactos da crise financeira de 1996 nas empresas de Hong Kong, associando o momento de crise com uma diminuição no conservadorismo contábil, na pesquisa de Vichitsarawong, Eng e Meek (2010), examinou o conservadorismo contábil no período da crise asiática de 1997, identificando que medidas conservadoras são consistentes com o período de crise, já Warganegara e Vionita (2010), analisaram as empresas da Indonésia no período anterior e posterior a crise de 1997, evidenciando que nenhum dos períodos exibiu um nível de conservadorismo impactado pela crise, já Watts e Zuo (2011), estudaram o efeito do conservadorismo durante a crise financeira global de 2008, evidenciando uma associação positiva entre ambos, por fim, Broekhof (2013) e Francis, Hasan e Wu (2013) analisaram se a crise afetou, influenciou ou apresentou-

se relacionada com o conservadorismo contábil, identificando uma relação positiva e significativa. Contudo, não foram encontrados estudos que investigaram se a crise de 2008 influenciou o conservadorismo contábil das empresas de forma diferente entre os setores da economia e os níveis de governança das empresas.

Dessa forma, notou-se uma lacuna de pesquisa a partir desses estudos, relacionada à influência da crise financeira de 2008 no conservadorismo, cuja abordagem ainda é pouco observada na literatura, principalmente brasileira. Vale ressaltar que os estudos desenvolvidos apresentaram resultados contraditórios. Diante do exposto, esta pesquisa visa responder à seguinte questão: Qual a influência da crise financeira de 2008 no conservadorismo contábil das empresas conforme o arranjo dos setores da economia e os níveis de governança corporativa? No intuito de responder a esta questão, o objetivo do estudo consiste em verificar qual a influência da crise financeira de 2008 no conservadorismo contábil das empresas brasileiras conforme o arranjo dos setores da economia e os níveis de governança corporativa.

O estudo justifica-se a partir de Brito (2010), tendo em vista que, apesar do conservadorismo não ser uma prática recente na contabilidade, os fatores que motivam o mesmo e as suas consequências econômicas ainda são discutidas na literatura. No Brasil, diversas pesquisas já foram e continuam sendo realizadas nos últimos anos com o propósito de identificar os fatores que explicam a adoção de práticas conservadoras pelas empresas. Contudo, a influência da crise financeira de 2008 no conservadorismo das empresas brasileiras é pouco discutida e carece de investigações detalhadas.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

Para fundamentar o presente estudo, o referencial teórico contempla inicialmente a crise financeira de 2008. Além disso, apresenta-se uma abordagem do conservadorismo contábil e, por fim, os estudos correlatos que tratam desse assunto, tanto em âmbito nacional, quanto internacional.

2.1 Crise financeira de 2008

A crise financeira de 2008 foi a maior depois da Grande Depressão que iniciou em 1920 e ainda, do colapso da Bolsa de Nova York no ano de 1929 (FARIA, 2009). Tal crise, iniciada em 2007, foi vista como a pior crise financeira dos Estados Unidos. Em nível internacional, ficou conhecida como a Crise de 2008, Crise do Crédito e Crise Americana. A mesma teve origem no mercado imobiliário dos EUA e, ao longo do ano de 2008, se tornou uma crise mundial, na qual as empresas e a sociedade não tinham mais recursos para quitar suas dívidas. Diante disso, as agências bancárias dos EUA realizaram a hipoteca, ou seja, se apropriaram das casas para conseguirem recuperar ao menos um pouco do que tinham a receber, mesmo que não tinha muita utilidade o acúmulo de casas, a não ser que fosse para vendê-las. Muitas agências bancárias na época colocaram as casas à venda, mas os preços baixaram de forma significativa,

visto que o mercado de imóveis estava saturado (DOWBOR, 2009).

Faria (2009) destaca que foram vários os fatores responsáveis por essa crise, dentre eles o crédito farto relacionado ao aumento do preço dos ativos residenciais, a elevação da riqueza dos proprietários e a participação de intermediários financeiros, a utilização sem limites da securitização de operações de crédito ao setor privado, dentre outros. A crise ultrapassou os limites setoriais dos empréstimos imobiliários *subprime* americano e provocou grandes e históricas quebras de instituições financeiras.

De forma resumida, Bresser-Pereira (2009) afirma que a crise financeira mundial, que teve início em 2007, se originou no mercado norte-americano de hipotecas de alto risco, o denominado *subprime*. Iniciou como uma crise de crédito local e acabou tornando-se uma crise financeira que atingiu os países de todo o mundo em 2008. Foi considerada a crise mais severa enfrentada após o ano de 1929 e elevou o número de desempregados para 50 milhões até o final de 2009 (BRESSER-PEREIRA, 2010).

A crise financeira que atingiu os EUA, bem como outras economias ocidentais, deixou a preocupação no que diz respeito ao seu forte impacto, inclusive sobre os países em desenvolvimento. Entretanto, vale destacar que nem todos os países sentiram o efeito da crise e dos que foram afetados, alguns se recuperaram antes do esperado (NAUDÉ, 2009).

O aprofundamento da crise e a dificuldade dos bancos em restabelecer a liquidez fez com que a valorização dos ativos ficasse bloqueada. Da mesma forma, o crédito e o crescimento da economia ficou estabilizado no mundo inteiro. No final de 2008, o desempenho econômico-financeiro dos Estados Unidos apresentava o efeito da destruição nos mais variados setores e de diversas maneiras (CAGNIN, 2009).

Conforme Sampaio, Coelho e Holanda (2015), a crise econômica mundial, que teve seu auge em setembro de 2008, provocou muitos gastos e estourou o período econômico de recessão em nível internacional. Tais efeitos não eram notados desde a Grande Depressão que ocorreu em 1930.

O resultado da crise financeira foram os desdobramentos econômicos que proporcionaram o alcance no ambiente de gestão dos negócios, ou seja, a instabilidade no segmento produtivo, recessão da economia, incerteza em relação ao consumo e decisões de investimento, dentre outras (NASCIMENTO, 2011).

A crise financeira global de 2008 apresenta uma oportunidade para investigação de efeitos de valorização do conservadorismo contábil. No período de crise, existe uma limitação substancial na capacidade de endividamento de uma empresa, impactando assim, na importância do conservadorismo contábil de uma organização, traduzindo em criação de valor por meio da mitigação de investimento inadequados em período de crise (WATTS; ZUO, 2011).

No Brasil, o impacto da crise financeira foi percebido na divulgação do Produto Interno Bruto (PIB) no último trimestre de 2008, tendo em vista que em comparação ao PIB do terceiro trimestre de 2008, caiu 3,6%. A queda do PIB gerou temor de uma forte desaceleração da economia brasileira para 2009 e 2010, tendo em vista que a

atividade econômica brasileira estava passando por um dos seus mais longos ciclos de crescimento das duas últimas décadas (FERRARI FILHO, 2009).

Nesse mesmo contexto, Pochmann (2009) ressalta que no setor industrial a redução foi de 11,6% no período. Já no setor agropecuário houve uma leve expansão de 0,6% e o setor terciário cresceu 4,2%. Assim, depreende-se que enquanto a queda da produção atingiu principalmente o setor industrial, que representa quase 31% da produção e 22% da ocupação do país, o setor de serviços, que responde por mais de dois terços da produção do país e quase 60% da ocupação nacional, apresentou expansão. Como resultado, no Brasil, além do aumento do desemprego, houve o crescimento dos postos de trabalho informais e rotatividade nos empregos assalariados formais.

Freitas (2009) salienta ainda que a crise internacional atingiu a economia brasileira quando esta estava em destaque, completando uma sequência de seis trimestres de crescimento em aceleração. Contudo, a partir da crise os bancos reagiram com o excesso de prudência e retraíram de forma drástica o crédito, levando as empresas a reverem seus planos de produção e investimento. Conseqüentemente, no último trimestre do ano houve rápida desaceleração das atividades econômicas.

2.2 Conservadorismo Contábil

O conservadorismo contábil é o resultado que reflete inicialmente as más notícias, também conhecidas como *bad news*, antes das boas notícias, ou seja, *good news*, em relação ao fluxo de caixa. Dessa forma, os contabilistas devem ser mais criteriosos ao reconhecer um ganho, do que ao reconhecer uma perda (BASU, 1997). Sobre o conservadorismo, Ludícibus (2000) frisa que entre duas ou mais alternativas igualmente relevantes para a empresa, o contador deverá escolher aquela que apresentar o menor valor para o ativo ou para o lucro e/ou o maior valor para o passivo.

De acordo com Brito (2010), o conservadorismo é considerado uma das práticas mais tradicionais, bem como, mais importantes da contabilidade. Além disso, exerce um importante papel nas relações contratuais e aumenta a utilidade das demonstrações contábeis para os seus usuários, especialmente para os que se preocupam com o risco da empresa. Na contabilidade, o termo conservadorismo é utilizado para embasar as situações em que o contador, que elabora as demonstrações contábeis, ao se defrontar com alternativas igualmente prováveis, deve sempre optar por aquela que implique no menor valor para os ativos e receitas e, no maior para os passivos e despesas.

Hendriksen e Breda (1999) criticam a utilização do conservadorismo na contabilidade, afirmando que apresenta limitações e uma destas é a falta de comparabilidade, visto que não há padrões uniformes para sua implantação.

Conforme Brito (2010), as críticas ao conservadorismo são frequentes no meio acadêmico contábil. A justificativa para as críticas é que a prática traz um viés aos números contábeis e isso acaba comprometendo a neutralidade e prejudicando as

decisões dos usuários.

Para Costa, Lopes e Costa (2006), os incentivos para a sua utilização podem estar relacionados à legislação do país. Entretanto, vale ressaltar que a utilização excessiva do conservadorismo contábil pode levar à divulgação de informações falsas aos usuários.

A necessidade de conservadorismo é normalmente relacionada à divulgação confiável dos eventos passados. (SANTOS et al., 2011). Nesse sentido, Sterzeck (2011) salienta que a regulação contábil fornece incentivos para que as demonstrações contábeis das organizações sejam mais conservadoras. Para os usuários da informação contábil, a utilização do conservadorismo pode ser vista como uma maneira de garantir a transparência das informações evidenciadas.

No período da crise financeira, torna-se desafiador para as empresas captarem empréstimos ou realizar investimentos. O papel do conservadorismo contábil, restringindo o oportunismo gerencial, leva a esperar que, empresas com experiência mais conservadora apresentem retornos de ações menos negativos durante a crise.

O conservadorismo contábil pode beneficiar os usuários das demonstrações contábeis de diversas maneiras, mesmo em períodos de crise, como por exemplo, mitigando assimetria da informação, impactando em mecanismos de governança mais eficientes e auxiliando em conflitos de agência. Deve-se levar em consideração que a demanda por conservadorismo se difere por país. Contudo, a partir do conservadorismo é possível resolver o problema da assimetria de informação (BROEKHOF, 2013).

2.3 Estudos anteriores

Alguns estudos nacionais e internacionais já foram desenvolvidos levando em consideração a influência das crises financeiras no conservadorismo contábil e o nível de governança corporativa. Gul, Srinidhi e Shieh (2002) avaliaram o comportamento de gestores de empresas de Hong Kong em relação à divulgação de resultados no período da crise asiática que ocorreu nos anos de 1996 e 1997, comparando-o com a divulgação de lucros no período anterior a essa crise, ou seja, de 1990 a 1995. A partir dos resultados os autores conseguiram identificar sinais de que os gestores são menos conservadores em períodos de crise econômica. Além disso, concluíram que a crise financeira colocou pressão sobre os gestores para transmitir notícias mais positiva aos investidores.

Warganegara e Vionita (2010) examinaram a extensão do conservadorismo em empresas de capital aberto da Indonésia antes e depois da crise financeira asiática. Os resultados indicaram que antes da crise os resultados contabilísticos não mostravam ser conservadores. Já no período pós-crise, houve algumas melhorias, não muito significativas. Além disso, as práticas contábeis na Indonésia ainda não apresentavam um nível aceitável de conservadorismo.

Watts e Zuo (2011) buscaram investigar o efeito do comportamento dos

gestores na adoção do conservadorismo contábil nas empresas dos EUA, durante a crise de 2008. A amostra foi composta por 2.983 empresas não financeiras norte-americanas. Os resultados revelaram que durante a crise de 2008 as empresas mais conservadoras foram as que apresentavam retornos negativos, contudo, apresentaram maior aumento do seu valor de mercado, o que pode significar o reconhecimento do mercado devido à medida de prudência adotada. Houve uma associação positiva entre o conservadorismo contábil e a crise.

Na pesquisa de Broekhof (2013) foi investigado se as crises econômicas afetam o nível de conservadorismo. A amostra foi composta por 64.457 empresas da Austrália, Canadá e EUA durante o período 1980 a 2011. Austrália e Canadá foram classificados como países mais sensíveis a crises econômicas do que os EUA. Como resultado, o autor obteve uma associação estatisticamente significativa e positiva entre o conservadorismo e as crises nos países sensíveis. Ainda, as empresas que apresentavam maior nível de conservadorismo tinham maior probabilidade de ter seus resultados futuros afetados pelas más notícias.

Maia (2014) analisou o impacto da crise financeira de 2008 na qualidade dos resultados relatados em empresas europeias não cotadas. A amostra foi constituída por 86.161 observações empresa/ano de Portugal, Espanha, Irlanda, Itália, Grécia, Alemanha e França, no período de 2003 a 2012. Os resultados sugerem que a crise financeira não teve impacto no nível de conservadorismo utilizado pelas empresas. Os resultados indicam também que as empresas dos países sem ajuda financeira apresentaram informações financeiras mais conservadoras do que as empresas dos países que receberam ajuda financeira.

O estudo de Sampaio, Coelho e Holanda (2015) objetivou analisar se os gestores das empresas brasileiras adotaram medidas prudenciais no reconhecimento contábil devido à eclosão de crise financeira mundial. A amostra foi composta por 459 empresas de capital aberto listadas na BM&FBovespa durante o período de 2003 a 2012. Verificaram que foram adotadas medidas de conservadorismo no período posterior à crise, indicando que tais decisões de reconhecimento de perdas esperadas não se condicionam a más notícias específicas, ou a um momento que caracterize o início ou ápice da crise.

Além dos estudos que focam o efeito direto da crise no nível de conservadorismo, como os citados anteriormente, há também pesquisas que procuram examinar o efeito conjunto da crise com outras variáveis sobre o conservadorismo. É o caso, por exemplo, do estudo de Herrmann, Pornupatham e Vichitsarawong (2008), que teve por objetivo examinar as diferenças de conservadorismo entre empresas auditadas por Big 4 e não-Big 4 nos períodos de crise e pós-crise financeira na Tailândia. Os resultados indicaram um aumento significativo no conservadorismo depois da crise financeira asiática. Além disso, as empresas auditadas por Big 4 foram mais conservadoras do que as auditadas pelas não Big 4 durante o período de crise. A principal justificativa se deve ao fato de que nas empresas auditadas pelas Big 4 há maiores exigências em

relação aos níveis de conservadorismo, com vistas a evitar riscos legais e preservar a qualidade da auditoria. No período pós-crise não houve diferença significativa entre os dois grupos.

No estudo de Vichitsarawong, Eng e Meek (2010), os autores examinaram o conservadorismo e os ganhos no período de 1997, ano da crise financeira asiática, em Hong Kong, Malásia, Singapura e Tailândia. A partir dos resultados concluíram que os gestores tendem a ser mais agressivos ao relatar uma boa notícia durante a crise financeira. Além disso, verificaram que depois da crise, estes quatro países implementaram medidas de governança corporativa para estabilizar seus sistemas financeiros e melhorar a regulação e supervisão. Contudo, o mais interessante é que o conservadorismo e a oportunidade dos ganhos no período pós-crise foram ainda maiores do que no período pré-crise. No geral, os resultados indicaram que as reformas de governança corporativa nesses quatro países apresentaram um impacto positivo no conservadorismo e na oportunidade de ganhos.

Francis, Hasan e Wu (2013) tiveram por objetivo investigar se a contabilidade conservadora apresenta impacto no valor aos acionistas e a dimensão no contexto de crise nos Estados Unidos entre os anos de 2007 e 2009, período da crise financeira. Os autores concluíram que há relação positiva entre o conservadorismo das empresas e o desempenho de suas ações durante a crise. Verificaram também que empresas com maior nível de conservadorismo antes da crise sofreram menos perdas no mercado de capitais. Os resultados também evidenciaram que o conservadorismo é um mecanismo de governança que protege os acionistas quando as empresas apresentam fraco sistema de governança corporativa, ou quando existe elevada assimetria de informação.

Diante disso, a partir desses estudos nacionais e internacionais que verificaram os impactos da crise no conservadorismo e levaram em consideração o nível de governança corporativa das empresas, estabeleceu-se a primeira hipótese desta pesquisa:

Hipótese 1: A crise financeira de 2008 impactou de forma diferente no conservadorismo contábil conforme o nível de governança das empresas.

O estudo de Kaiser et al. (2009) objetivou investigar se a aplicação do conservadorismo é diferente entre empresas do setor elétrico brasileiro que sofrem incidência de regulamentação contábil específica daquelas que não sofrem incidência de regulamentação contábil específica. A amostra compreendeu as empresas do setor elétrico brasileiro e as empresas brasileiras que não sofrem incidência de regulamentação contábil específica, sendo que os dados foram coletados no banco de dados da Economática. O período analisado foi de 1998 a 2006. Os autores verificaram que existe menor aplicação do conservadorismo nas empresas dos outros setores, quando comparadas as do setor elétrico. Concluíram que a incidência de

regulamentação contábil específica pode influenciar na aplicação do conservadorismo nas empresas analisadas.

Assim, de acordo com o estudo identificado na literatura, que utilizou apenas um setor da economia brasileira, elaborou-se a segunda hipótese do estudo, tendo em vista a crise financeira, o conservadorismo e todos os setores da economia brasileira:

Hipótese 2: A crise financeira de 2008 influenciou o conservadorismo contábil nos relatórios das empresas brasileiras de forma diferente entre os setores da economia.

3 | METODOLOGIA

Para verificar a influência da crise financeira de 2008 no conservadorismo contábil das empresas brasileiras, conforme o setor de atuação das empresas e o seu nível de governança, a presente pesquisa caracteriza-se como descritiva, com abordagem quantitativa e realizada por meio de pesquisa documental.

3.1 População e amostra

A população do estudo compreende todas as empresas brasileiras listadas na BM&FBovespa. Já a amostra é composta pelas empresas que apresentaram classe de ações ON na base de dados Economatica e que possuíam todas as informações necessárias para o cálculo das variáveis do estudo, ou seja, as informações necessárias para o cálculo do Lucro Líquido e Ativo Total. A partir da Tabela 1 apresenta-se o processo de seleção da amostra de acordo com os setores de atuação das empresas.

		CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DA AMOSTRA			
		Quantidade inicial de empresas/ classe na base de dados Economática	Empresas com classe de ações ON na Bovespa	Empresas que possuíam todas as informações necessárias para o cálculo das variáveis	AMOSTRA
EMPRESAS POR SETOR	AP	12	7	2	2
	AB	100	40	9	9
	CM	74	29	10	10
	CN	65	35	10	10
	EL	41	11	5	5
	EE	175	62	41	41
	FS	237	60	3	3
	FU	6	3	0	0
	MI	16	7	4	4
	MN	29	11	2	2
	MM	14	8	4	4
	PC	32	9	5	5
	PG	30	11	4	4
	QU	89	27	7	7
	SM	105	40	20	20
	SD	18	8	0	0
	TL	133	45	15	15
	TT	74	33	21	21
	TS	112	30	11	11
	VP	55	21	16	16
OU	322	135	56	45	
SS	310	0	0	0	
TOTAL	2049	632	245	245	

Tabela 1 – Critérios de seleção da amostra por setor

AP – Agro e Pesca; AB – Alimentos e Bebidas; CM – Comércio; CN – Construção; EL – Eletroeletrônicos; EE – Energia Elétrica; FS – Finanças e Seguros; FU – Fundos; MI – Máquinas Industriais; MN – Mineração; MM – Minerais não Metálicos; PC – Papel e Celulose; PG – Petróleo e Gás; QU – Química; SM – Siderurgia e Metalurgia; SD – Software e Dados; TL – Telecomunicações; TT – Têxtil; TS – Transporte e Serviços; VP – Veículos e Peças; OU – Outros; SS – Sem Setor.

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme apresentado na Tabela 1, percebe-se que há 20 setores na base de dados Economática, sendo Agro e Pesca, Alimentos e Bebidas, Comércio, Construção, Eletroeletrônicos, Energia Elétrica, Finanças e Seguros, Fundos, Máquinas Industriais, Mineração, Minerais não Metálicos, Papel e Celulose, Petróleo e Gás, Química, Siderurgia e Metalurgia, *Software* e Dados, Telecomunicações, Têxtil, Transporte e Serviços e Veículos e Peças. Além destes setores, a base de dados apresentou também empresas de outros setores, as quais foram incluídas no setor Outros (OU). Há também empresas que não apresentaram seus respectivos setores e ficaram classificadas como Sem Setor (SS).

Para testar a Hipótese 2 do estudo, de verificar se a crise financeira de 2008 impactou de forma diferente no conservadorismo contábil das empresas conforme o

setor, foi necessário realizar as Regressões 1 e 2, apresentadas no tópico 3.3. Por este motivo, foram analisados apenas os setores que apresentaram mais de 10 empresas em sua amostra, ou seja, os setores de: Comércio (CM), Construção (CN), Energia Elétrica (EE), Siderurgia e Metalurgia (SM), Telecomunicações (TL), Transporte e Serviços (TS), Têxtil (TT), Veículos e Peças (VP) e Outros (OU). As empresas dos setores que apresentaram uma quantidade inferior a 10 empresas foram incluídas no setor Outros (OU) para se realizar a análise. Além disso, não foram analisadas as empresas que não apresentaram os seus respectivos setores. Logo, a amostra final das empresas por setor de atuação para a realização deste estudo é apresentada na Tabela 2.

SETOR	QUANTIDADE DE EMPRESAS
COMÉRCIO (CM)	10
CONSTRUÇÃO (CN)	10
ENERGIA ELÉTRICA (EE)	41
SIDERURGIA E METALURGIA (SM)	20
TELECOMUNICAÇÕES (TL)	15
TRANSPORTE E SERVIÇOS (TS)	11
TÊXTIL (TT)	21
VEÍCULOS E PEÇAS (VP)	16
OUTROS (OU)	101
TOTAL	245

Tabela 2 – Amostra final das empresas por setor de atuação

Fonte: Dados da pesquisa.

Para verificar se a Hipótese 1 do estudo foram utilizadas todas as empresas apresentadas na amostra da Tabela 1 (448), sendo que nesse caso a amostra foi dividida conforme o nível de governança e não conforme os setores de atuação. A Tabela 3 apresenta a amostra final das empresas por nível de governança.

NÍVEL DE GOVERNANÇA	QUANTIDADE DE EMPRESAS
CIA. BALCÃO ORG. TRADICIONAL (MB)	34
CIA. NÍVEL 1 DE GOVERNANÇA CORPORATIVA (N1)	22
CIA. NÍVEL 1 DE GOVERNANÇA CORPORATIVA (N2)	8
CIA. NOVO MERCADO (NM)	30
NÃO POSSUI (NP)	151
TOTAL	245

Tabela 3 – Amostra final das empresas por nível de governança

Fonte: Dados da pesquisa.

Os níveis de governança apresentados na Tabela 3 foram obtidos por meio da Bolsa de Valores de São Paulo (BM&FBovespa). Percebe-se que o nível de governança que apresentou maior quantidade de empresas foi o MB, ou seja, o nível Tradicional

com 34 empresas. Já o que apresentou menor quantidade de empresas foi o nível de governança N2. Além disso, 151 empresas não constam em nenhum dos níveis de governança da BM&FBovespa.

3.2 Modelo para determinação do conservadorismo contábil

Para verificar a aceitação das hipóteses do estudo foi utilizado o modelo desenvolvido por Basu e Shivakumar (2005) o qual mensura o conservadorismo contábil das empresas. A equação do modelo é descrita da seguinte forma:

$$\Delta NI_{it} = \beta_0 + \beta_1 D\Delta NI_{it-1} + \beta_2 \Delta NI_{it-1} + \beta_3 \Delta NI_{it-1} * D\Delta NI_{it-1} + \varepsilon_{it} \quad \text{Equação 1}$$

Em que:

ΔNI_{it} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-1 para o ano t, ponderada pelo valor do ativo total no início do ano t;

ΔNI_{it-1} = variação no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-2 para o ano t-1, ponderada pelo valor do ativo total no início do ano t-1;

$D\Delta NI_{it-1}$ = variável *dummy* para indicar se existe variação negativa no lucro líquido contábil da empresa i do ano t-1 para o ano t, assumindo valor 1 se $\Delta NI_{it} < 0$, e 0 nos demais casos;

ε_{it} = erro da regressão.

Conforme Ball e Shivakumar (2005), o reconhecimento oportuno dos ganhos econômicos é verificado quando $\beta_2 = 0$ e o reconhecimento oportuno das perdas é mensurado pelo coeficiente β_3 . Para mensurar se as organizações apresentam conservadorismo em seus relatórios, o coeficiente β_3 deverá ser inferior à zero e o somatório de β_2 e β_3 também deverá ser inferior à zero, o que indica que as perdas serão reconhecidas mais oportunamente do que os ganhos (BALL; SHIVAKUMAR, 2005).

O modelo desenvolvido por Ball e Shivakumar (2005), apresentado anteriormente, não mensura a influência da crise financeira no conservadorismo contábil. Por este motivo, foi necessário realizar algumas adaptações no modelo original, a fim de alcançar o objetivo pretendido neste estudo. Tais adaptações referem-se à inclusão de uma variável *dummy* (DC) referente à crise de 2008.

$$\Delta NI_{it} = \beta_0 + \beta_1 D\Delta NI_{it-1} + \beta_2 \Delta NI_{it-1} + \beta_3 (\Delta NI_{it-1} * D\Delta NI_{it-1}) + \beta_4 DC + \beta_5 (DC * D\Delta NI_{it-1}) + \beta_6 (DC * \Delta NI_{it-1}) + \beta_7 (DC * \Delta NI_{it-1} * D\Delta NI_{it-1}) + \varepsilon_{it} \quad \text{Equação 2}$$

As variáveis ΔNI_{it} , ΔNI_{it-1} e $D\Delta NI_{it-1}$ permanecem representando as variações apresentadas do modelo original de Ball e Shivakumar (2005). A nova variável DC é uma *dummy* que assumirá o valor de 1 no período pré-crise (2003-2007) e 0 no período pós-crise (2008-2012).

Conforme Santana e Klann (2014), que utilizaram um modelo adaptado semelhante a este, contudo, para observar a influência da adoção das IFRS no conservadorismo de empresas familiares e não familiares, os coeficientes de interesse referem-se aos betas β_2 , β_3 , β_6 e β_7 . De acordo com os autores, se o somatório dos coeficientes β_2 , β_3 , β_6 e β_7 do modelo ajustado for menor do que o somatório dos betas β_2 e β_3 do modelo original desenvolvido por Ball e Shivakumar (2005), indicará que a crise influenciou no aumento do conservadorismo contábil das empresas.

A análise do artigo foi dividida em dois momentos distintos. O primeiro momento refere-se à verificação da Hipótese 2 do estudo, de que a crise influenciou no conservadorismo contábil de forma diferente conforme o setor de atuação da empresa. Para tal, as regressões foram realizadas de forma individualizada para cada um dos setores apresentados na Tabela 2. Já o segundo momento da análise refere-se ao teste da Hipótese 1, de que a crise influenciou o conservadorismo contábil de forma diferenciada conforme o nível de governança corporativa das empresas. As regressões foram realizadas por meio do *software Statistical Package for the Social Sciences*[®] (SPSS).

4 | DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção são apresentados os resultados obtidos em relação à influência da crise de 2008 no conservadorismo contábil em diferentes níveis de governança pelos diferentes setores da economia.

4.1 Influência da crise de 2008 no conservadorismo contábil em diferentes níveis de governança

Com o intuito de verificar se a crise financeira de 2008 influenciou de forma diferente no conservadorismo contábil das empresas de acordo com o nível de governança corporativa, a amostra foi dividida em cinco grupos (MB, N1, N2, NM e NT). A equação original e a equação ajustada pela variável *dummy* DC foram utilizadas para comparar as diferenças desta relação entre as empresas de níveis de governança distintos. A Tabela 4 apresenta os resultados da Equação 1 juntamente com o somatório dos betas β_2 e β_3 :

SETOR	MB	N1	N2	NM	NT
CONSTANTE	0,330*	-0,018	20,927**	0,050*	0,324*
D Δ NI _{t-1}	-1,015*	-0,106*	-20,996	-0,131*	-0,631*
Δ NI _{t-1}	-0,163**	-2,409*	11,554	-0,328*	-0,153*
D Δ NI _{t-1} * Δ NI _{t-1}	0,107	2,424*	-11,815	0,280*	0,154*
$\beta_2 + \beta_3$	-0,056	0,015	-0,261	-0,048	0,001
R²	0,088	0,775	0,023	0,347	0,041
D-W	2,034	1,809	2,030	1,456	1,996
SIG	0,000	0,000	0,616	0,000	0,000

Tabela 4 - Resultados da Equação 1 conforme o nível de governança das empresas

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme é possível observar na Tabela 4, as empresas que apresentaram o maior valor no somatório de β_2 e β_3 foram as com nível de governança N1. Já as que apresentaram menor valor na soma dos coeficientes foram as empresas com nível de governança N2. Logo, conforme Ball e Shivakumar (2005) explica, há indícios de que as empresas com nível de governança N1 reconhecem mais oportunamente as perdas econômicas do que as empresas que possuem os demais níveis de governança corporativa.

Na Tabela 5 são apresentados os resultados encontrados por meio do modelo de regressão adaptado de Ball e Shivakumar (2005), isto é, modelo com a inclusão da variável *dummy* de crise. Além disso, apresentam-se as somas dos coeficientes para conclusões quanto à Hipótese 1 do estudo.

SETOR	MB	N1	N2	NM	NT
CONSTANTE	0,393**	-0,009	32,052*	0,054*	0,470*
D Δ NI _{t-1}	-1,049*	-0,075	-32,076	-0,088*	-0,624*
Δ NI _{t-1}	-0,408*	-2,418*	16,954	-0,347*	-0,211*
D Δ NI _{t-1} * Δ NI _{t-1}	0,328*	2,411*	-17,175	0,329*	0,139**
DC	-0,144	0,036	-32,004	0,003	-0,349*
DC * Δ NI _{t-1}	0,376*	2,395**	-17,313	0,334	0,160*
DC * Δ NI _{t-1}	0,094	-0,090	31,938	-0,082*	0,099
DC * Δ NI _{t-1} * Δ NI _{t-1}	-0,349**	-2,371*	17,212	-0,704*	-0,087*
$\beta_2 + \beta_3 + \beta_6 + \beta_7$	-0,335	-2,468	48,929	-0,804	-0,060
R²	0,103	0,779	0,042	0,407	0,052
D-W	2,025	1,814	2,043	1,526	2,004
SIG	0,000	0,000	0,865	0,000	0,000

Tabela 5 - Resultados da Equação 2 conforme o nível de governança das empresas

Fonte: Dados da pesquisa

Dos cinco níveis de governança analisados, percebe-se que a soma dos coeficientes $\beta_2 + \beta_3 + \beta_6 + \beta_7$ do modelo adaptado de Ball e Shivakumar (2005), quatro apresentaram resultados menores comparado com a soma dos betas β_2 e β_3 apresentados na Tabela 4, sendo estes o MB, N1, NM e NT, indicando que a crise

impactou o conservadorismo contábil na maioria das empresas, diferindo o impacto nas empresas com nível N2, isto é, 8 empresas somente. Diante disso, entende-se que a crise financeira de 2008 impactou de forma diferente, conforme o nível de governança das empresas, o que permite aceitar a Hipótese 1 do estudo, de que a crise financeira de 2008 impactou de forma diferente no conservadorismo contábil conforme o nível de governança das empresas.

Os achados da presente pesquisa corroboram os resultados encontrados por Herrmann, Pornupatham e Vichitsarawong (2008), Vichitsarawong, Eng e Meek (2010) e Francis, Hasan e Wu (2013). Herrmann, Pornupatham e Vichitsarawong (2008) notaram um aumento significativo no conservadorismo depois da crise financeira asiática. Os autores sustentam que esse fato pode ser explicado pela adoção consciente das normas internacionais de contabilidade, pelo controle mais rigoroso de órgãos reguladores e pelas melhorias na governança corporativa do país analisado. Vichitsarawong, Eng e Meek (2010) verificaram que o conservadorismo no período pós-crise é ainda maiores do que no período pré-crise. Assim, as reformas de governança corporativa nos países apresentaram um impacto positivo no conservadorismo e oportunidade de ganhos. Francis, Hasan e Wu (2013) também identificaram relação positiva do conservadorismo com o sistema de governança corporativa durante a crise. Verificaram ainda que o conservadorismo é um mecanismo de governança que protege os acionistas quando as empresas apresentam possuem fraco sistema de governança corporativa, ou quando existe elevada assimetria de informação.

4.2 Influência da crise de 2008 no conservadorismo contábil em diferentes setores

Para verificar se houve um impacto diferente da crise financeira de 2008 no conservadorismo contábil das empresas entre os setores de atuação, a amostra foi dividida em nove setores: Comércio, Construção, Energia Elétrica, Siderurgia e Metalurgia, Telecomunicações, Transporte e Serviços, Têxtil, Veículos e Peças e, Outros. A equação original e a equação ajustada pela variável *dummy* DC foram utilizadas para analisar estes nove setores respectivamente e fazer comparações.

Na Tabela 6 são apresentados os resultados encontrados por meio do modelo desenvolvido por Ball e Shivakumar (2005).

SETOR	CM	CN	EE	SM	TL	TT	TS	VP	OU
CONSTANTE	0,057**	0,056*	0,034	0,094*	0,449*	0,132*	13,940	0,594*	0,371*
$D\Delta NI_{t-1}$	-0,157*	-0,109*	-0,190*	-0,206*	-0,752*	-0,304*	-14,050	-1,012*	-0,834*
ΔNI_{t-1}	-0,524*	-0,209**	-0,604*	-0,173*	0,740*	-0,412*	5,503	-0,706*	-0,111*
$D\Delta NI_{t-1} * \Delta NI_{t-1}$	0,533*	-0,428*	0,583*	-0,134	0,746*	0,065	-5,536	0,541*	0,112*
$\beta_2 + \beta_3$	0,009	-0,637	-0,021	-0,307	1,486	-0,347	-0,033	-0,165	0,001
R²	0,420	0,498	0,061	0,330	0,324	0,381	0,015	0,352	0,035
D-W	0,837	1,769	2,042	1,578	2,069	2,191	1,978	2,077	2,006
SIG	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,663	0,000	0,000

Tabela 6 – Resultados da Equação 1 conforme o setor de atuação das empresas

Legenda: CM = Comércio; CN =

Fonte: Dados da pesquisa.

Por meio da Tabela 6 observa-se que as empresas dos setores de Telecomunicações, Comércio e Outros apresentaram a maior soma dos coeficientes, respectivamente, em relação aos outros setores. Conforme o modelo utilizado de Ball e Shivakumar (2005), isto indica de que estes três setores reconhecem mais oportunamente as perdas econômicas do que os demais setores. Além disto, a maioria dos coeficientes apresentou-se significativo.

Na Tabela 7 são apresentados os resultados da regressão utilizando o modelo adaptado de Ball e Shivakumar (2005), o qual inclui a variável *dummy* de crise, juntamente com o cálculo do somatório dos betas β_2 , β_3 , β_6 e β_7 :

SETOR	CM	CN	EE	SM	TL	TT	TS	VP	OU
CONSTANTE	0,088*	0,068*	0,047**	0,102*	0,657*	0,171*	19,600**	0,806*	0,552*
$D\Delta NI_{t-1}$	-0,111*	-0,123*	-0,020	-0,136*	-0,920*	-0,371*	-19,639	-1,124*	-0,757*
ΔNI_{t-1}	-0,483*	-0,202	-0,617*	-0,165*	-0,737*	-0,404*	5,743	-0,699*	-0,160*
$D\Delta NI_{t-1} * \Delta NI_{t-1}$	0,443*	-0,515*	-3,980*	-0,167	0,741*	0,040	-5,980	0,571*	0,157**
DC	-0,069	-0,030	-0,024	-0,021	-0,486*	-0,090	-19,529	-0,613	-0,401
DC*ΔNI_{t-1}	-0,124	0,289	0,304	-0,029	0,651	0,116	-5,758	-0,114	0,112
DC*ΔNI_{t-1}	-0,069	0,042	-0,090	-0,104**	0,413	0,134	19,422	0,616	-0,055
DC*ΔNI_{t-1}	0,035	0,685	4,293*	-0,099	-0,653	0,024	5,942	-2,150	-0,109
$\beta_2 + \beta_3 + \beta_6 + \beta_7$	-0,074	0,010	-0,394	-0,535	-0,236	-0,206	25,127	1,662	-0,167
R²	0,503	0,542	0,885	0,374	0,349	0,392	0,024	0,406	0,044
D-W	0,938	1,877	1,944	1,758	2,112	2,156	1,962	2,069	2,019
SIG	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,921	0,000	0,000

Tabela 7 - Resultados da Equação 2 conforme o setor de atuação das empresas

Fonte: Dados da pesquisa

Por meio da comparação da soma dos coeficientes β_2 , β_3 , β_6 e β_7 da Equação 2 evidenciados na Tabela 7 com a soma dos coeficientes β_2 e β_3 da Equação 1

apresentados anteriormente na Tabela 6, percebe-se que nos setores de Comércio, Energia Elétrica, Siderurgia e Metalurgia, Telecomunicação e Outros houve indícios de que a crise de 2008 influenciou o conservadorismo contábil para estes setores. Já em relação aos demais setores, o somatório dos coeficientes β_2 , β_3 , β_6 e β_7 do modelo ajustado foi maior do que o somatório dos betas β_2 e β_3 do modelo original, o que nos permite aceitar a Hipótese 2 do estudo, de que a crise financeira de 2008 influenciou o aumento do conservadorismo contábil nos relatórios das empresas brasileiras de forma diferente entre os setores.

Este resultado vai ao encontro dos achados de Kaiser et al. (2009), visto que identificaram que existe uma menor aplicação do conservadorismo nas empresas dos outros setores, quando comparadas as do setor elétrico, até porque, pode-se notar que o R^2 do setor de Energia Elétrica corresponde a 88,5% da variação do conservadorismo contábil das empresas brasileiras no que diz respeito a crise financeira de 2008. Além disso, complementaram que a incidência de regulamentação contábil específica do setor elétrico pode influenciar na aplicação do conservadorismo nas empresas.

5 | CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo verificar qual a influência da crise financeira de 2008 no conservadorismo das empresas brasileiras conforme o arranjo dos setores da economia e os níveis de governança corporativa. Para responder aos objetivos do estudo realizou-se uma pesquisa descritiva, documental com uma abordagem quantitativa dos dados. A população de pesquisa compreendeu todas as empresas brasileiras listadas na BM&FBovespa. Já a amostra foi composta pelas empresas que apresentaram classe de ações ON na base de dados Economatica e que possuíam todas as informações necessárias para o cálculo das variáveis do estudo, ou seja, as informações necessárias para o cálculo do Lucro Líquido e Ativo Total.

A Hipótese H_1 , de que a crise financeira de 2008 impactou de forma diferente no conservadorismo contábil conforme o nível de governança das empresas foi aceita. Esse resultado contribui com os achados de Herrmann, Pornupatham e Vichitsarawong (2008), Vichitsarawong, Eng e Meek (2010) e Francis, Hasan e Wu (2013), salientando que houve um aumento significativo no conservadorismo depois da crise financeira, as reformas de governança corporativa nos países apresentaram um impacto positivo no conservadorismo e oportunidade de ganhos e que há relação positiva do conservadorismo com o sistema de governança corporativa durante a crise financeira.

Com relação a Hipótese H_2 , de que a crise financeira de 2008 influenciou o aumento do conservadorismo contábil nos relatórios das empresas brasileiras de forma diferente entre os setores da economia também pode ser aceita, sendo que este resultado corrobora com os achados de Kaiser et al. (2009), pois identificaram que existe uma menor aplicação do conservadorismo nas empresas dos outros setores,

quando comparadas as do setor elétrico.

. De forma geral, o resultado vai ao encontro dos achados de Watts e Zuo (2011) e Broekhof (2013), que verificaram que houve uma associação positiva e significativa entre o conservadorismo contábil e a crise. Contudo, contradiz os resultados de Gul, Srinidhi e Shieh (2002), que verificaram que os gestores são menos conservadores em períodos de crise econômica. Além disso, concluíram que a crise financeira colocou pressão sobre os gestores para transmitir notícias mais positiva aos investidores. Além disso, vai de encontro com o resultado de Maia (2014), pois os resultados sugerem que a crise financeira não tem impacto no nível de conservadorismo utilizado pelas empresas. Ainda, contradiz com os resultados de Sampaio, Coelho e Holanda (2015), que verificaram que foram adotadas medidas de conservadorismo no período posterior à crise, indicando que tais decisões de reconhecimento de perdas esperadas não se condicionam a más notícias específicas, ou a um momento que caracterize o início ou ápice da crise.

Diante disso, é possível concluir que houve influência da crise financeira de 2008 no conservadorismo contábil das empresas brasileiras conforme o arranjo dos setores da economia e os níveis de governança corporativa. Isso se deve ao fato de que vários setores influenciaram, sendo que o setor Energia Elétrica é o que mais influenciou. Porém, o único que não influenciou foi o setor Transporte e Serviços (TS). Da mesma forma, os níveis de governança também influenciam, contudo, o nível 2 (N2) não apresentou significância estatística.

Como limitações tem-se a amostra do estudo que limitou-se as empresas que possuíam todas as informações necessárias para o cálculo das variáveis do estudo. Sugere-se para pesquisas futuras, uma análise que abranja outra amostra, utilizando outras empresas, períodos ou até mesmo outros países, a fim de comparar os resultados.

REFERÊNCIAS

BALL, R.; SHIVAKUMAR, L. Earnings quality UK private firms: comparative loss recognition timeliness. *Journal of Accounting and economics*, v. 39, n.1, p. 83 – 128, 2005.

BASU, Sudipta. The conservatism principle and the asymmetric timeliness of earnings. *Journal of accounting and economics*, v. 24, n. 1, p. 3-37, 1997.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. A crise financeira de 2008. *Revista de economia política*, v. 29, n. 1, p. 133-149, 2009.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. A crise financeira global e depois: um novo capitalismo?. *Novos Estudos-CEBRAP*, n. 86, p. 51-72, 2010.

BRITO, Giovani Antonio Silva. **Conservadorismo contábil e o custo do crédito bancário no Brasil**. 163 f. 2010. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis). Universidade de São Paulo, 2010.

BROEKHOF, Casper. **Accounting Conservatism and Economic Crises**: Examination of the

Association between Conservatism and Crises Sensitivity of Countries. 31 f. 2013. Master (Accountancy & Control: specialization Accountancy) - Accountancy & Control: specialization Accountancy, 2013.

CAGNIN, Rafael Fagundes. Ciclo dos imóveis e o crescimento econômico nos Estados Unidos 2002-2008. **Estudos Avançados**, v. 23, n. 66, p. 147-168, 2009.

DA COSTA, Fábio Moraes; LOPES, Alexsandro Broedel; COSTA, Alessandra Cristina De Oliveira. Conservadorismo em cinco países da América do Sul. **R. Cont. Fin.–USP**, São Paulo, n. 41, p. 7-20, 2006.

DOS SANTOS, Luis Paulo Guimarães; LIMA, Gerlando Augusto Sampaio Franco de; FREITAS, Sheizi Calheira de; LIMA, Iran Siqueira. Efeito da Lei 11.638/07 sobre o conservadorismo condicional das empresas listadas BM&FBOVESPA. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 22, n. 56, p. 174-188, 2011.

DOWBOR, Ladislau. A crise financeira sem mistérios: Convergência dos dramas econômicos, sociais e ambientais. **Economia Global e Gestão**, v. 13, n. 3, p. 09-38, 2009.

FARIA, José Eduardo. Poucas certezas e muitas dúvidas: o direito depois da crise financeira. **Revista Direito GV**, v. 5, n. 2, p. 297-323, 2009.

FERRARI FILHO, Fernando. Como era de se esperar, a crise internacional chegou ao Brasil. E agora, o que fazer para mitigarmos os impactos da crise em 2009 e retomarmos o rumo do crescimento em 2010. **Revista Economia & Tecnologia**, v. 5, n. 2, p. 27-32, 2009.

FRANCIS, Bill; HASAN, Iftekhar; WU, Qiang. The benefits of conservative accounting to shareholders: Evidence from the financial crisis. **Accounting Horizons**, v. 27, n. 2, p. 319-346, 2013.

FREITAS, Maria Cristina Penido de. Os efeitos da crise global no Brasil: aversão ao risco e preferência pela liquidez no mercado de crédito. **Estudos avançados**, v. 23, n. 66, p. 125-145, 2009.

GUL, Ferdinand A.; SRINIDHI, Bin; SHIEH, Tony. The Asian financial crisis, accounting conservatism and audit fees: Evidence from Hong Kong. **Accounting Conservatism and Audit Fees: Evidence from Hong Kong** (Undated), 2002.

HENDRIKSEN, Eldon S.; VAN BREDA, Michael F. **Teoria da contabilidade**. Tradução de Antônio Z. Sanvicente, 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HERRMANN, Donald R.; PORNUPATHAM, Sompong; VICHITSARAWONG, Thanyaluk. The impact of the Asian financial crisis on auditors' conservatism. **Journal of international accounting research**, v. 7, n. 2, p. 43-63, 2008.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Teoria da contabilidade**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

KAIZER, Carolina Viguini Cantarela; NOSSA, Sylvania Neris; TEIXEIRA, Ardelmo J. C.; BAPTISTA, Ézio C. S.; NOSSA, Valcemiro. O impacto da regulamentação contábil sobre o conservadorismo nas empresas do setor elétrico do Brasil. **Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)**, v. 3, n. 1, p. 1-24, 2009.

KRUGMAN, Paul. A crise de 2008 e a economia da depressão. **Revista de Economia Política**, v. 30, n. 1, p. 180, 2010.

MAIA, João Manuel Borges. **O impacto da crise financeira na qualidade dos resultados**. 34 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Contabilidade Fiscalidade e Finanças Empresariais)-School of Economics & Management Lisbon, Lisboa, 2014.

MOREIRA, Rafael de Lacerda; COLAUTO, Romualdo Douglas; AMARAL, Hudson Fernandes. Conservadorismo condicional: estudo a partir de variáveis econômicas. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 21, n. 54, p. 64-84, 2010.

NASCIMENTO, Cristiano do. **Estrutura financeira de empresas pós crise de 2008**: mudanças e perspectivas. 158 f. 2011. Dissertação (Mestrado em Contabilidade) – Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Contabilidade do Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Curitiba, 2011.

NAUDÉ, Wim. **The financial crisis of 2008 and the developing countries**. Wider Discussion Papers, World Institute for Development Economics (UNU-WIDER), 2009.

POCHMANN, Marcio. O trabalho na crise econômica no Brasil: primeiros sinais. **Estudos avançados**, v. 23, n. 66, p. 41-52, 2009.

SAMPAIO, Tibério Cesar Queiroz; COELHO, Antonio Carlos; HOLANDA, Allan Pinheiro. Adoção de conservadorismo nos lucros em períodos de crise financeira: evidências no Brasil. **Enfoque: Reflexão Contábil**, v. 34, n. 1, p. 71-86, 2015.

SANTANA, André. G. ; KLANN, Roberto Carlos . Conservadorismo Contábil e a adoção das IFRS: evidências em empresas brasileiras familiares e não familiares. In: Congresso Iberoamericano de Administración Empresarial y Contabilidad, 2014, Medellín. X Congresso Iberoamericano de Administración Empresarial y Contabilidad, 2014.

STERZECK, Gisele. **Efeito da convergência contábil sobre o conservadorismo das instituições financeiras**. 85 f. 2011. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

VICHITSARAWONG, Thanyaluk; ENG, Li Li; MEEK, Gary K. The impact of the Asian financial crisis on conservatism and timeliness of earnings: Evidence from Hong Kong, Malaysia, Singapore, and Thailand. **Journal of International Financial Management & Accounting**, v. 21, n. 1, p. 32-61, 2010.

WARGANEGARA, Dezie L.; VIONITA, V. The Effects of the Asian Financial Crisis on Accounting Conservatism in Indonesia. **Asian Academy of Management Journal of Accounting and Finance**, v. 6, n. 1, p. 69-88, 2010.

WATTS, Ross L. Conservatism in accounting part I: Explanations and implications. **Accounting horizons**, v. 17, n. 3, p. 207-221, 2003.

WATTS, Ross L.; ZUO, Luo. Accounting conservatism and firm value: Evidence from the global financial crisis. **MIT Sloan School Working Paper**, 2011.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85107-09-3



9 788585 107093